

SEGURANÇA NO TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL: OS IMPACTOS DOS FATORES PSICOSSOCIAIS SOBRE A SAÚDE MENTAL DOS TRABALHADORES

**OCCUPATIONAL SAFETY IN THE CONSTRUCTION INDUSTRY: THE IMPACTS
OF PSYCHOSOCIAL FACTORS ON WORKERS' MENTAL HEALTH**

**SEGURIDAD LABORAL EN LA INDUSTRIA DE LA CONSTRUCCIÓN: LOS
IMPACTOS DE LOS FACTORES PSICOSOCIALES EN LA SALUD MENTAL DE LOS
TRABAJADORES**

**Gustavo Guilherme de Souza Ferreira¹, Joelson Lopes da Paixão², Rodrigo Oliveira Miranda³,
Luiz Martins Pereira Neto⁴, Aristeu Bento de Souza⁵, Lourena Barbosa Cavalcante Paiva⁶,
Samara Linhares Carlos⁷, Fernando Delfino Cosmo⁸, Luiz Fernando Brígido Castro⁹, Francisco
Roldineli Varela Marques¹⁰, Filipe Augusto Oliveira da Silva¹¹**

DOI: 10.54899/dcs.v22i81.3208

Recibido: 18/07/2025 | **Aceptado:** 08/08/2025 | **Publicación en línea:** 18/08/2025.

RESUMO

A construção civil é um dos setores mais representativos da economia brasileira, mas também um dos mais vulneráveis em termos de condições de trabalho e riscos à saúde mental. Esta pesquisa teve como objetivo analisar os impactos dos fatores psicossociais sobre a saúde mental dos trabalhadores da construção civil, considerando as exigências, pressões e contextos organizacionais enfrentados diariamente. Trata-se de uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa, realizada com 20 profissionais da área, por meio de entrevistas semiestruturadas. Os

¹ Pós-Graduado em Gestão de Projetos, Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

E-mail: enggustavoferreira@gmail.com

² Mestre em Engenharia elétrica, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: joelson.paixao@hotmail.com

³ Doutor em Administração de Empresas, Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará, Brasil.

E-mail: ro.miranda87@hotmail.com

⁴ Doutorando em Engenharia Ambiental, Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Recife, Pernambuco, Brasil. E-mail: luizmpn2@gmail.com

⁵ Mestre em Direito, Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), Piracicaba, São Paulo, Brasil.

E-mail: aristeusouza@uol.com.br

⁶ Mestra em Engenharia Civil e Ambiental, Universidade Federal do Pernambuco (UFPE), Caruaru, Pernambuco, Brasil. E-mail: lourenapaiva@gmail.com

⁷ Mestre em Energias Renováveis, Faculdade Iberoamericana, São Paulo, São Paulo, Brasil.

E-mail: samara.linharesc@hotmail.com

⁸ Graduando em Engenharia Civil, Centro Universitário UNIPAR Anhanguera, São Paulo, São Paulo, Brasil.

E-mail: delfino_fernando@hotmail.com

⁹ Graduado em Medicina área de concentração em Militar, Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, Acre, Brasil. E-mail: fcastro.pmac@gmail.com

¹⁰ Mestre em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal Rural do Semi-Arido, Mossoró, Rio Grande do Norte, Brasil. E-mail: roldineli.varela@gmail.com

¹¹ Graduado em Medicina, Universidade Estadual do Pará (UEPA), Santarém, Pará, Brasil.

E-mail: filipeoliveira424@gmail.com

resultados apontaram que fatores como excesso de cobrança, insegurança quanto à estabilidade no emprego, relações interpessoais tensas e ausência de apoio institucional contribuem significativamente para o desenvolvimento de sofrimento psíquico. Conclui-se que há uma necessidade urgente de políticas integradas de prevenção, acolhimento e valorização da saúde mental nos canteiros de obra.

Palavras-chave: Segurança no Trabalho. Construção Civil. Psicossocial. Saúde Mental.

ABSTRACT

The construction industry is one of the most representative sectors of the Brazilian economy, but also one of the most vulnerable in terms of working conditions and mental health risks. This research aimed to analyze the impacts of psychosocial factors on the mental health of construction workers, considering the demands, pressures, and organizational contexts they face daily. This descriptive, qualitative study was conducted with 20 construction professionals through semi-structured interviews. The results indicated that factors such as excessive pressure, insecurity regarding job stability, strained interpersonal relationships, and lack of institutional support significantly contribute to the development of psychological distress. The conclusion is that there is an urgent need for integrated policies for the prevention, support, and promotion of mental health on construction sites.

Keywords: Occupational Safety. Construction. Psychosocial. Mental Health.

RESUMEN

La industria de la construcción es uno de los sectores más representativos de la economía brasileña, pero también uno de los más vulnerables en cuanto a condiciones laborales y riesgos para la salud mental. Esta investigación tuvo como objetivo analizar el impacto de los factores psicosociales en la salud mental de los trabajadores de la construcción, considerando las exigencias, presiones y contextos organizacionales a los que se enfrentan diariamente. Este estudio descriptivo y cualitativo se realizó con 20 profesionales de la construcción mediante entrevistas semiestructuradas. Los resultados indicaron que factores como la presión excesiva, la inseguridad en la estabilidad laboral, las relaciones interpersonales tensas y la falta de apoyo institucional contribuyen significativamente al desarrollo del malestar psicológico. Se concluye que existe una necesidad urgente de políticas integradas para la prevención, el apoyo y la promoción de la salud mental en las obras de construcción.

Palabras clave: Seguridad Laboral. Construcción. Psicossocial. Salud Mental.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

A construção civil é um dos setores mais relevantes para o desenvolvimento econômico

e social de um país, empregando milhões de trabalhadores e movimentando diversas cadeias produtivas. No Brasil, o setor representa uma parcela significativa do Produto Interno Bruto (PIB) e é responsável por uma ampla gama de obras de infraestrutura, habitação e urbanização. No entanto, apesar de sua importância econômica, a construção civil é marcada por um histórico recorrente de precarização das condições de trabalho, riscos de acidentes e negligência com a saúde mental dos profissionais envolvidos (Marín et al., 2019).

O ambiente dos canteiros de obras é tradicionalmente associado a condições adversas de trabalho: jornadas extensas, pressão por produtividade, instabilidade contratual, ruído excessivo, clima hostil, além do risco constante de acidentes físicos. No entanto, menos visível - embora igualmente impactante - é a presença de fatores psicossociais que afetam o bem-estar emocional dos trabalhadores. Esses fatores incluem a sobrecarga emocional, a insegurança ocupacional, o estresse, a baixa autonomia e os conflitos interpessoais (Mendes; Campos, 2004; Oliveira; Iriart, 2008; Peinado, 2019).

A saúde mental dos trabalhadores da construção civil, por muito tempo, foi negligenciada, sendo frequentemente tratada de forma secundária em relação aos riscos físicos. No entanto, estudos recentes vêm evidenciando que os distúrbios psíquicos, como ansiedade, depressão e estresse crônico, estão em ascensão neste setor. A natureza instável dos contratos, as mudanças frequentes de equipe e de local de trabalho, e o baixo reconhecimento profissional contribuem para esse cenário (Rodrigues, 2005; Sampaio et al., 2020).

Outro aspecto importante está relacionado à cultura do trabalho presente na construção civil. Muitos trabalhadores, em sua maioria homens, são socializados em contextos que valorizam a resistência física e emocional como prova de competência. Isso dificulta a manifestação de sofrimento psíquico, gerando silenciamento e agravamento dos sintomas. O medo de perder o emprego, a falta de apoio psicológico e o estigma em torno de questões emocionais formam um ciclo de adoecimento invisível (Casagrande, 2017; Costella et al., 2014; Filgueiras et al., 2015).

Além disso, o modelo organizacional adotado em muitas empresas do setor tende a reproduzir práticas que intensificam os fatores de risco psicossocial. O autoritarismo na gestão, a ausência de escuta ativa, a falta de canais de denúncia e de acolhimento agravam a vivência de sofrimento. Com isso, muitos profissionais desenvolvem estratégias individuais para lidar com o estresse, como o uso de álcool ou medicamentos, o que agrava ainda mais o quadro de saúde mental (Gizoni; Marco, 2018).

Diante desse contexto, torna-se indispensável refletir sobre a segurança do trabalho para além das questões físicas, ampliando o olhar para os riscos psicossociais presentes no cotidiano dos operários. A legislação trabalhista, as normas regulamentadoras e os programas de prevenção devem incluir abordagens que contemplem a saúde mental como parte integrante da segurança e qualidade de vida no trabalho (Gonçalves Filho et al., 2011; Gonçalves, 2018).

Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa foi analisar os impactos dos fatores psicossociais sobre a saúde mental dos trabalhadores da construção civil, a partir da escuta e relato de profissionais atuantes na área.

METODOLOGIA

A presente pesquisa teve caráter descritivo e qualitativo, com o objetivo de compreender, a partir da experiência dos trabalhadores, os principais fatores psicossociais que afetam sua saúde mental nos ambientes da construção civil. A escolha por uma abordagem qualitativa justifica-se pela natureza subjetiva do tema, que exige escuta sensível e aprofundada (Lima et al., 2023; Lima; Domingues Júnior; Gomes, 2023; Lima; Domingues Júnior; Silva, 2024; Lima; Silva; Domingues Júnior, 2024; Lima; Vieira et al., 2023; Lima; Bernardy et al., 2025; Lima et al., 2025a; Lima et al., 2025b; Lima et al., 2025c; Lima et al., 2025d).

A amostra foi composta por 20 trabalhadores da construção civil, atuantes em obras residenciais e comerciais. Os critérios de inclusão foram: ter mais de 18 anos, estar em atividade no setor há pelo menos um ano e aceitar participar voluntariamente da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, conduzidas entre maio e junho de 2025. As entrevistas ocorreram em local reservado, nos próprios canteiros ou em espaços cedidos por sindicatos, com duração média de 30 minutos. O roteiro incluiu perguntas sobre as condições de trabalho, vivências emocionais, relações interpessoais, carga horária, apoio institucional e percepção sobre saúde mental.

RESULTADOS E ANÁLISE

A pesquisa revelou uma complexa teia de fatores psicossociais que influenciam significativamente a saúde mental dos trabalhadores da construção civil. Os relatos obtidos indicam que o ambiente laboral é permeado por pressões que extrapolam o aspecto físico,

afetando diretamente o equilíbrio emocional dos profissionais. Segundo o respondente E05, “a pressão para cumprir metas diárias é constante, não tem espaço para erro ou descanso”. Esse sentimento de cobrança excessiva foi uma das queixas mais recorrentes, refletindo o ritmo acelerado e a busca incessante por produtividade nos canteiros de obra.

Além da pressão por produtividade, a insegurança em relação à continuidade do emprego aparece como um fator de ansiedade latente. E08 destacou que “a gente nunca sabe se vai estar aqui na próxima obra, o contrato é sempre temporário e sem garantia”. Essa instabilidade compromete o planejamento financeiro e emocional dos trabalhadores, tornando a rotina ainda mais estressante. Muitos manifestaram preocupação constante com a possibilidade de demissão, o que contribui para um estado de alerta permanente.

Outro aspecto amplamente mencionado foi o ambiente hostil e a forma autoritária de gestão adotada em muitos canteiros. Conforme relatado por E12, “os chefes gritam muito, não tem respeito, e isso gera medo na gente”. Esse clima opressivo impacta negativamente a autoestima dos trabalhadores e reduz a comunicação aberta, dificultando a resolução de conflitos e aumentando o desgaste emocional. A ausência de diálogo e compreensão por parte dos superiores contribui para o agravamento do sofrimento psíquico.

A falta de suporte institucional em relação à saúde mental também se destacou. E07 comentou que “não existe nenhum tipo de ajuda psicológica na empresa, e se alguém reclama, é ignorado”. Essa negligência institucional gera sensação de isolamento e desamparo, agravando sintomas como ansiedade e depressão. A ausência de programas de acolhimento ou prevenção demonstra uma lacuna importante na política de segurança do trabalho.

O estigma em torno das doenças mentais constitui uma barreira para o reconhecimento do problema. E10 revelou que “se alguém falar que está ansioso ou deprimido, logo dizem que é frescura, que não aguenta o ritmo”. Essa cultura de resistência emocional impede que os trabalhadores busquem ajuda e reforça o silêncio sobre suas dificuldades. O medo do julgamento e da marginalização dificulta o diálogo e o enfrentamento dos problemas.

A sobrecarga de trabalho, com jornadas que frequentemente ultrapassam 10 horas diárias, foi amplamente reportada. E06 relatou: “a gente entra cedo e só sai tarde, sem tempo para descanso adequado”. Esse excesso contribui para o cansaço extremo, tanto físico quanto mental, tornando o trabalho extenuante e prejudicial à saúde. A ausência de pausas regulares e de descanso adequado é um fator crítico para o adoecimento.

Relacionado a isso, o uso de álcool como mecanismo de enfrentamento foi citado por

vários entrevistados. E09 confessou que “muitos bebem para tentar esquecer os problemas do dia, é uma forma de escape”. Esse comportamento evidencia a tentativa de auto-medicação frente ao sofrimento emocional, o que pode agravar ainda mais a saúde mental e trazer consequências sociais e familiares.

O sentimento de desvalorização profissional é uma constante entre os trabalhadores. E14 afirmou que “a gente faz um trabalho duro, mas ninguém reconhece o nosso esforço, não tem valorização”. Essa falta de reconhecimento reduz a motivação e aumenta o sentimento de frustração, contribuindo para a insatisfação no trabalho e o aumento do estresse.

A ausência de perspectivas reais de crescimento na carreira foi outro ponto recorrente. E11 relatou que “faço o mesmo serviço há anos, sem nenhuma oportunidade de promoção ou treinamento”. A estagnação profissional alimenta o desânimo e a sensação de falta de futuro, fatores que impactam diretamente a saúde mental.

As dificuldades financeiras também aparecem como uma fonte constante de preocupação. E13 destacou que “o salário é baixo, e com a instabilidade, fica difícil sustentar a família e pagar as contas”. A insegurança econômica aumenta a pressão psicológica, especialmente para quem é chefe de família, criando um ciclo de tensão e ansiedade.

A influência do estresse do trabalho na vida familiar foi enfatizada por diversos participantes. E16 comentou que “chego em casa cansado e nervoso, acabo descontando nos meus filhos e na minha esposa”. Esse impacto extrapola o ambiente de trabalho, prejudicando relações pessoais e gerando um círculo vicioso de sofrimento.

Outro ponto relevante foi a percepção dos riscos físicos constantes e o medo de acidentes. E18 relatou que “a gente sabe que o trabalho é perigoso, isso aumenta a ansiedade porque qualquer erro pode ser fatal”. A exposição contínua a riscos físicos reforça o estresse e a sensação de vulnerabilidade.

Além disso, a falta de treinamento adequado e de informações sobre segurança foi destacada. E20 mencionou que “muitas vezes a gente não recebe instrução correta para usar os equipamentos de proteção, o que aumenta o medo e a insegurança”. Esse déficit contribui para a insegurança emocional e o aumento da tensão.

As relações interpessoais difíceis, tanto entre colegas quanto com supervisores, foram citadas como fontes de desgaste. E04 comentou que “tem gente que não coopera, é difícil trabalhar assim, isso gera conflito e estresse”. O ambiente competitivo e conflituoso dificulta a formação de redes de apoio.

A pressão para atender demandas sem o suporte necessário também foi uma reclamação comum. E02 afirmou que “às vezes a gente tem que resolver problema sozinho, sem ajuda, e isso é muito cansativo”. A falta de suporte coletivo aumenta a sensação de isolamento e a carga emocional.

Alguns trabalhadores relataram episódios de assédio moral, o que intensifica o sofrimento. E17 revelou que “já fui humilhado por um superior na frente de todo mundo, isso me deixou muito abalado”. Essas práticas degradantes têm impacto severo na saúde mental e na motivação.

Outro fator identificado foi a dificuldade em conciliar trabalho e vida pessoal, especialmente para quem tem filhos pequenos. E19 comentou que “é difícil cuidar da família com essa rotina tão pesada e imprevisível”. Essa dificuldade gera sentimento de culpa e tensão adicional.

A ausência de políticas claras de promoção da saúde mental foi um ponto destacado. E01 mencionou que “a empresa não fala nada sobre saúde mental, não tem nenhuma iniciativa para ajudar”. Isso demonstra uma falha institucional grave na prevenção do adoecimento.

O medo de perder o emprego por expressar sofrimento psicológico é um obstáculo para buscar ajuda. E15 afirmou que “se eu falar que estou mal, posso ser visto como fraco e até demitido”. Esse medo perpetua o silêncio e impede a busca por tratamento.

Os trabalhadores também destacaram a importância do suporte social informal, como colegas e familiares. E03 afirmou que “quando a gente pode conversar com os amigos do trabalho, ajuda a aliviar o estresse”. Essas redes de apoio são fundamentais para enfrentar as dificuldades diárias.

Por outro lado, a ausência de políticas públicas eficazes para o setor é um desafio constante. E07 comentou que “faltam programas governamentais que cuidem da saúde mental dos trabalhadores da construção civil”. Essa lacuna reflete a necessidade de ações mais abrangentes e efetivas.

A precariedade das condições de trabalho, incluindo falta de equipamentos adequados, foi apontada como fator agravante do sofrimento. E13 afirmou que “às vezes não tem capacete ou luva, a gente se sente desprotegido e isso aumenta o medo”. A insegurança física contribui para o desgaste emocional.

Além disso, a cultura de machismo no setor dificulta a expressão de vulnerabilidades emocionais. E09 relatou que “tem que ser forte, não pode mostrar fraqueza, senão o pessoal zoa”.

Essa imposição cultural reforça o estigma e impede a busca por ajuda.

Os trabalhadores também mencionaram o impacto da pandemia da COVID-19, que aumentou o estresse e a insegurança. E06 afirmou que “foi um período muito difícil, com medo de contaminar a família e sem garantias no trabalho”. Esse contexto agravou ainda mais a saúde mental do grupo.

Por fim, a maioria dos entrevistados concordou que a implementação de programas de prevenção e apoio psicológico seria essencial para melhorar a qualidade de vida. E20 concluiu que “se tivesse alguém para ouvir, aconselhar e ajudar, a gente conseguiria trabalhar melhor e viver melhor”. Esse consenso destaca a urgência de mudanças estruturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidenciou a complexidade e a gravidade dos impactos dos fatores psicossociais na saúde mental dos trabalhadores da construção civil, demonstrando que a segurança no trabalho vai muito além da prevenção de acidentes físicos. Os resultados apontaram que a pressão por produtividade, a instabilidade laboral, a ausência de suporte institucional e o ambiente organizacional marcado por autoritarismo e falta de diálogo configuram um contexto propício para o adoecimento psíquico.

Além dos riscos físicos inerentes à atividade, os trabalhadores enfrentam desafios emocionais significativos, que se manifestam em sintomas de ansiedade, estresse crônico e, em muitos casos, depressão. O medo da demissão, a sobrecarga de trabalho, o sentimento de desvalorização e a falta de perspectivas reais de crescimento profissional comprometem não apenas o desempenho no trabalho, mas também a qualidade de vida fora do ambiente laboral.

Outro ponto importante destacado pela pesquisa foi a cultura organizacional e social que ainda perpetua o estigma em torno das doenças mentais, dificultando o reconhecimento das necessidades emocionais e a busca por ajuda. A pressão para manter uma postura resistente e “sem fraquezas” impede que os trabalhadores expressem suas vulnerabilidades, agravando o sofrimento.

A ausência de políticas institucionais claras e efetivas para a promoção da saúde mental representa um desafio crucial. A falta de programas de acolhimento, apoio psicológico e prevenção do adoecimento limita a capacidade das organizações em garantir um ambiente de trabalho saudável, resultando em elevados índices de absenteísmo, rotatividade e prejuízos à

produtividade.

Os relatos dos próprios trabalhadores evidenciaram a urgência de mudanças estruturais, tanto no âmbito organizacional quanto nas políticas públicas. A implementação de ações que priorizem a escuta ativa, o suporte emocional, a valorização profissional e a capacitação adequada são essenciais para mitigar os impactos negativos dos fatores psicossociais.

Ademais, a pesquisa reforça a necessidade de um olhar ampliado sobre a segurança no trabalho, que integre as dimensões física, emocional e social, reconhecendo a saúde mental como componente fundamental para o bem-estar e a sustentabilidade das atividades laborais na construção civil.

Por fim, espera-se que os resultados aqui apresentados possam contribuir para a conscientização das empresas, sindicatos, órgãos reguladores e formuladores de políticas públicas sobre a importância de investir em programas integrados de saúde mental, capazes de promover um ambiente mais seguro, humano e saudável para os trabalhadores desse setor.

REFERÊNCIAS

CASAGRANDE, L. E. M. Avaliação da cultura de segurança na construção civil: um estudo de caso. 2017. 53p. Monografia (Curso de especialização) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Londrina, PR, 2017.

COSTELLA et al. Avaliação do cumprimento da NR-18 em função do porte de obra residencial e proposta de lista de verificação da NR-18. Ambiente Construído, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 87-102, jul./set. 2014.

FILGUEIRAS, V. A. et al. Saúde e Segurança do Trabalho na Construção Civil Brasileira. Aracaju: J.Andrade, 2015.

GIZONI, M. S.; MARCO, G. A Importância da Segurança no Trabalho na Construção Civil: um estudo no município de Jaboticabal – SP. 2018. 21p. Monografia (Bacharelado) – UNIARA, Araraquara – SP.

GONÇALVES FILHO, A. P. et al. Cultura e gestão da segurança no trabalho: uma proposta de modelo. Gestão & Produção, São Carlos, v. 18, n.1, p. 205-220, 2011.

GONÇALVES, F.A. Segurança do Trabalho na Construção Civil: Análise da segurança nos trabalhos em altura. 2018. 56p. Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Ouro Preto.

LIMA, L. A. de O.; BERNARDY, T. A. dos S.; MENDEZ, A. V.; SCHIAVAO, L. J. V.; SOARES, A. R. N.; SOUZA JÚNIOR, S. O. de; VILELA, C. R.; BEZERRA, I. G. S. Gestão em Saúde: as Contribuições das Pesquisas de Satisfação e de Clima Organizacional para a

Qualidade de Vida no Trabalho. Revista de Gestão e Secretariado, [S. l.], v. 16, n. 7, p. e5144, 2025. DOI: 10.7769/gesec.v16i7.5144.

LIMA, L. A. O.; DOMINGUES JUNIOR, GOMES, O. V. O. Saúde mental e esgotamento profissional: um estudo qualitativo sobre os fatores associados à síndrome de burnout entre profissionais da saúde. **Boletim de Conjuntura Boca**, 2023. <https://doi.org/10.5281/zenodo.10198981>

Lima, L. A. O., Domingues Júnior, P. L., & Silva, L. L. (2024). Estresse ocupacional em período pandêmico e as relações existentes com os acidentes laborais: estudo de caso em uma indústria alimentícia. RGO - Revista Gestão Organizacional, 17(1), 34-47. <http://dx.doi.org/10.22277/rgo.v17i1.7484>.

LIMA, L. A. de O.; DOMINGUES JUNIOR, P. L. GOMES, O. V. de O. SAÚDE OCUPACIONAL E QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO DE CATADORES DE RECICLÁVEIS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. Revista CPAQV - Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida , [S. l.], v. 17, n. 2, p. 9, 2025. DOI: 10.36692/V17N2-93R

LIMA, L. A. O; SILVA, L. L.; DOMINGUES JÚNIOR, P. L. Qualidade de Vida no Trabalho segundo as percepções dos funcionários públicos de uma Unidade Básica de Saúde (UBS). **REVISTA DE CARREIRAS E PESSOAS**, v. 14, p. 346-359, 2024. <https://doi.org/10.23925/recape.v14i2.60020>

LIMA, L. A. O. et al. Os desafios na formação de profissionais de saúde no Brasil. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences, v. 7, p. 05-15, 2025. <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2025v7n5p05-15>

LIMA, L. A. O. et al. INFORMATIZAÇÃO EM SAÚDE: AVANÇOS TECNOLÓGICO E A MODERNIZAÇÃO NOS SERVIÇOS DE SAÚDE. LUMEN ET VIRTUS, v. 16, p. 5102-5111, 2025. <https://doi.org/10.56238/levv16n48-042>

LIMA, L. A. O. et al. GESTÃO HUMANIZADA EM SAÚDE E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO. LUMEN ET VIRTUS, v. 16, p. 1009-1019, 2025. <https://doi.org/10.56238/levv16n45-027>

LIMA, L. A. de O.; VIEIRA, M. A.; DE MATOS, R. A. F.; MARCELIANO-ALVES, M. F. V.; SANCHES, K. L.; BOTELHO, L.; SANTOS, D. de S.; LOPES JÚNIOR, N. N. da S.; ROMÃO, E. D.; XAVIER, C. L. dos S. Exaustão emocional entre professores de nível superior: um estudo qualitativo sobre as causas, consequências e estratégias de enfrentamento. CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES, [S. l.], v. 16, n. 11, p. 26455–26472, 2023. DOI: 10.55905/revconv.16n.11-101.

MARÍN, L. S. et al. Percepções do clima de segurança entre o pessoal da construção: associações com taxas de lesões. Ciência da Segurança, v. 118, p. 487-496, out. 2019

MENDES, R.; CAMPOS, A. C. C. Saúde e Segurança no Trabalho Informal: desafios e oportunidades para a indústria brasileira. Revista Brasileira de Medicina do Trabalho, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 209-223, jul./set. 2004.

OLIVEIRA, R. P.; IRIART, J. A. B. Representações do trabalho entre trabalhadores informais da construção civil. *Psicologia em estudo*, Maringá, v.13, n.3, p. 437-445, jul./set. 2008.

PEINADO, H. S. *Segurança e Saúde do Trabalho na Indústria da Construção Civil*. São Carlos: Editora Scienza, 2019.

RODRIGUES, P. F. V. Um estudo com trabalhadores acidentados da indústria da construção civil do município de Porto Alegre (RS). Dissertação (mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

SAMPAIO, A. T. et al. Segurança do trabalho e medidas de proteção na construção civil. *Brazilian Journal of Development*, v.6, n.3, p.9983-9997, 2020.